

TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA: UMA ABORDAGEM SOCIOAMBIENTAL

Gabriela Rodrigues Gois¹
Giancarla Salamoni²

¹ Curso de Bacharelado em Geografia (UFPEL) – gabriela.grg@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – gi.salamoni@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta algumas das questões socioambientais relacionadas ao processo de transição para sistemas de produção de base agroecológica, e, ao mesmo tempo, busca compreender a importância desta forma de produção para a construção e manutenção de sistemas agrícolas sustentáveis.

Compreendemos a transição ou conversão agroecológica como um processo caracterizado pelas transformações tecnológicas, ambientais, econômicas, sociais e culturais que ocorrem dentro dos agroecossistemas, envolvendo seus principais agentes transformadores(as): os(as) agricultores(as) familiares. Neste sentido, corroboramos com Altieri (2012, p. 148), quando este afirma que “a grande variabilidade dos processos ecológicos relacionados com fatores heterogêneos de caráter social, cultural, político e econômico originam sistemas locais que são bastante peculiares”.

Atualmente, os agroecossistemas familiares que adotam o manejo agrícola convencional encontram-se dependentes de insumos externos ao local de produção e subordinados às demandas de mercado, perdendo, gradativamente, sua autonomia e soberania alimentar e produtiva. Além disso, apresentam grande vulnerabilidade aos desequilíbrios naturais, cada vez mais frequentes, sofrendo com a perda significativa da produção. Esta perda de autonomia alimentar e produtiva é resultado da implantação de uma agricultura moderna, construída e manejada por meio do pacote tecnológico da chamada *Revolução Verde*, a saber: monocultura, agroquímicos, sementes geneticamente modificadas, motomecanização e uso intensivo de energia não renovável.

Este tipo de manejo promove uma homogeneização genética dos cultivares e das práticas agrícolas, além de promover uma simplificação da natureza. Para Altieri,

Um dos principais problemas decorrentes da homogeneização dos sistemas agrícolas é o aumento da vulnerabilidade dos cultivos a pragas e doenças, que podem ser devastadoras se infestam uma cultura uniforme, especialmente em grandes plantações. Para proteger essas culturas, grandes quantidades de agrotóxicos cada vez menos eficazes e seletivos são jogados na biosfera acarretando custos ambientais e humanos consideráveis (ALTIERI, 2012, p. 26)

Estes custos socioambientais intensificaram a preocupação não somente entre cientistas e ambientalistas, mas entre diferentes comunidades rurais, as quais vêm sofrendo diretamente as externalidades oriundas deste modelo de produção. Em virtude disso, surgem novas propostas de construção e manejo de sistemas agrícolas ecológicos, propondo o resgate dos saberes tradicionais dos(as) agricultores(as). A Agroecologia, portanto, surge como uma disciplina que

busca propor um diálogo entre os saberes científicos e o conhecimento empírico dos(as) agricultores(as) a fim de se pensar e construir agriculturas sustentáveis e coerentes com as dinâmicas ecossistêmicas.

Este estudo, portanto, busca explicar sobre os aspectos socioambientais relacionadas à transição agroecológica, partindo, essencialmente, de uma reflexão teórica.

2. METODOLOGIA

Para a elaboração do presente trabalho, realizamos um levantamento bibliográfico acerca da agroecologia, sustentabilidade e manejos dos recursos naturais, além de uma revisão teórica conceitual a respeito da transição agroecológica, por meio de leitura de livros e artigos, a fim de se compreender o ideário e as experiências já existentes nesta forma de transição, seus resultados e impactos socioambientais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na concepção de transição apresentada por Costabeber e Moyano(2000), compreendemos a transição agroecológica como um processo contínuo, protagonizado por elementos naturais e sociais, cujas interações revelam diferentes respostas de caráter socioambiental.

O termo transição, em sua acepção semântica, pode designar simplesmente a ação e efeito de passar de um modo de ser ou estar a outro distinto. Isto implica, desde logo, a ideia mesma de processo, ou seja, um curso de ação mais ou menos rápido que se manifesta na realidade concreta a partir de uma intrincada e complexa configuração de causas - passadas, presentes ou futuras -, e que sempre há de provocar consequências e efeitos, previsíveis ou não, na nova situação que se estabelece. (COSTABEBER; MOYANO, 2000, p.43)

Assim, trata-se de um conjunto de técnicas agrícolas, combinadas com aspectos socioculturais e saberes adquiridos por agricultores(as) por meio da experimentação e observação, que possui como objetivo a passagem de um modelo de produção altamente dependente de recursos externos para outra forma de produção ancorada na sustentabilidade ambiental e socioeconômica.

Este processo, nos sistemas agrários, revela-se bastante dinâmico, principalmente por envolver não só elementos ecológicos, os quais, por estarem em constante movimento, originam sistemas locais em condições ambientais específicas e extremamente distintos de outros. Mas, também, por envolver elementos humanos/sociais, caracterizados pelas complexas redes de interações movidas pelos conflitos de interesses. “Por essas razões é que se diz que não existem projetos padrão na Agroecologia, Ela é específica de cada lugar, ou site specific”.(WEID, 2010, p.6)

Não obstante a diversidade dos agroecossistemas, Altieri (2012) aponta que a transição agroecológica apresenta fases pontualmente determinadas, a saber: combinação do manejo integrado de pragas e fertilidade do solo, a fim de se aumentar a eficiência do uso de insumos; a redução e ou substituição de insumos químicos; redesenho do agroecossistema em uma perspectiva ecológica.

Manejo integrado de praga e fertilidade do solo: destaca a importância de um estudo integrado que relacione o manejo de praga e a fertilidade do solo.

Pesquisas têm revelado que solos com alta atividade biológica e que apresentam um equilíbrio sinérgico entre a matéria orgânica e a fauna edáfica proporcionam plantas mais resistentes a possíveis doenças e pragas. Para isso, diferentes estratégias são adotadas, como o cultivo de plantas de cobertura, como leguminosas e gramíneas, as quais além de proteger o solo da erosão, possibilitam a sua nitrogenação e fertilidade.

Redução e ou substituição de insumos: esta etapa do processo de transição é caracterizada pela redução e substituição de insumos químicos até a sua completa eliminação das práticas agrícolas. Durante este processo podem surgir problemas relacionados às doenças e pragas, devido ao alto grau de dependência dos agroecossistemas aos efeitos causados pelos agroquímicos. A estratégia posta em prática nesta etapa é o cultivo de plantas adaptadas às condições locais, as quais não necessitam de fertilizantes ou agrotóxicos para o seu desenvolvimento.

Redesenho dos agroecossistemas: esta fase implica em novas práticas como o sistema de policultivos, agroflorestas, rotação e concorciamento entre culturas. “No coração da Agroecologia está a ideia de que um agroecossistema deve imitar o funcionamento dos ecossistemas locais e, portanto, deve exibir uma ciclagem eficiente de nutrientes, uma estrutura complexa e uma ampla biodiversidade” (ALTIERI, 2012, p. 131). Deste modo, faz-se necessário também a reestruturação das matas nativas, assim como a preservação de plantas espontâneas.

Além das transformações ambientais, a transição agroecológica propicia uma melhor qualidade de vida para os(as) agricultores(as), pois além de propor o resgate e a valorização dos saberes destes(as) trabalhadores(as), oportunizando seu empoderamento, diversifica a produtividade e a dieta alimentar das famílias agricultoras, proporciona bem-estar no que diz respeito a qualidade paisagística dos agroecossistemas, combinando o cultivo de espécies para o consumo e ornamentais, de diferentes ciclos e tamanhos, compondo um quadro biodiverso produtivo e funcional.

4. CONCLUSÕES

O processo de transição agroecológica busca considerar as condições heterogêneas de cada agroecossistema, assim como, os projetos almejados pelas famílias agricultoras que buscam uma forma ambiental, econômica e socialmente sustentável de fazer agricultura. Considerando a ampla biodiversidade e sociodiversidade dos sistemas agrícolas sustentáveis, o longo processo de experimentação e observação praticado pelos(as) agricultores(as), transmitidos às gerações futuras, podemos afirmar que a transição para uma produção de base ecológica é um processo contínuo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

WEID, J.M.V.D Agricultura Familiar: sustentando o insustentável? **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, Local de Edição, v.7, n.2, p. 4 - 7, 2010.

COSTABEBER, J.A; MOYANO, E. Transição agroecológica e ação social coletiva.
Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.1, n.4, p. 43 -
48, 2000.